

WILLIAMS, Margery. *O Coelho de Veludo: quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade*. Tradução de Davi Gonçalves e ilustrações de Marcela Fehrenbach. São Paulo: Poetisa, 2015. Tradução de: *The Velveteen Rabbit (or How Toys Become Real)*



Marcelo Bueno de PAULA<sup>1</sup>  
Doutor em Estudos da Tradução (UFSC)  
Professor substituto  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
marcelobueno.lit@gmail.com

O maior desejo do Coelho de Veludo, protagonista da história infantil homônima da escritora anglo-americana Margery Williams (1881-1944), é ser um coelho “De Verdade”. A busca existencial desse brinquedo que uma criança recebe como presente na noite de Natal é um tema recorrente no mundo da ficção literária, bastando lembrar, detendo-se em apenas dois exemplos, da busca por humanidade empreendida pela criatura de Frankenstein ou pelo boneco de madeira Pinocchio. Seres imaginários que metaforizam a jornada do indivíduo rumo ao autoconhecimento e à transformação, onde a angústia e o sofrimento são parte do processo. Isso faz de *O Coelho de Veludo* uma leitura sempre atual e é uma das justificativas de sua condição de clássico lido e amado por gerações de crianças desde que foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1922.

É uma pena que o coelhinho de Williams atrasou-se tal qual o coelho branco que Alice persegue, chegando só recentemente às livrarias do Brasil, porém em grande estilo. Repita-se: livrarias, porque apesar de ser anunciada como versão inédita em Língua Portuguesa, a iniciativa da editora paulista Poetisa foi precedida por pelo menos duas outras versões que circulam há algum tempo na Internet. Mas nada nem de longe comparável ao livro que conta com projeto gráfico apurado e delicadas aquarelas de Marcela Fehrenbach e tradução cuidadosa de Davi Gonçalves.

A edição carece apenas de informações biográficas sobre a autora da história, visto que se trata de uma escritora desconhecida pelo público daqui. Todavia, a ausência desse paratexto é minimizada pela inclusão de outro muito mais interessante para o leitor: uma nota do tradutor. Algo bastante incomum em literatura infantil, porém diferencial que aponta para o perfil que a Poetisa quer estabelecer para si como editora preocupada com a qualidade de

suas traduções e visibilidade de seus tradutores. Não por acaso, boa parte de sua equipe é formada por pesquisadores da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), como o próprio tradutor do livro, que cursa doutorado no programa, desenvolvendo estudo sobre o escritor anglo-canadense Stephen Leacock.

Qualificar a tradução de Gonçalves como cuidadosa é considerá-la, neste caso, atenta à proposta de transposição que estabeleceu e bem diverso de afirmar que ele pretendeu obter do texto de partida o máximo possível de literalidade. É que as intenções do tradutor foram guiadas por parâmetros que julgou mais importantes do que o empenho na estreita observância das palavras de Williams, o que parcialmente é deixado claro na nota que assina. Sem dúvida, os princípios norteadores de maior relevância no trabalho são a substituição de elementos que causem estranhamento ou sejam incomuns ao leitor brasileiro, a mudança do contexto socioeconômico do enredo e a neutralização da identidade de gênero do dono do Coelho.

262

A neutralização de gênero ocorre mediante a troca do nome do personagem, que definido como “Menino” (*Boy*) no original passa a ser “Criança” na tradução. Gonçalves justifica a mudança como “tentativa de tornar essa sua característica universal [a infantil] ainda mais forte e permitir que crianças de ambos os gêneros se identifiquem com a personagem” (p. 6). Uma decisão de caráter ideológico como a que torna menos privilegiada economicamente a família da Criança. Na versão em inglês há uma casa com um quarto de crianças cheio de brinquedos e uma babá, enquanto que em português os brinquedos ficam na sala e é uma avó quem cuida da Criança.

Por sua vez, a substituição de vários elementos articula familiaridade ou mais proximidade no leitor, inclusive temporalmente. Assim, na tradução o Coelho é um dos presentes dispostos embaixo de uma árvore natalina e não dentro de uma meia, como é costume nos Estados Unidos e foi a opção de Williams. Além disso, dos outros presentes listados originalmente, que compreendem nozes (*nuts*), laranjas (*oranges*), uma locomotiva de brinquedo (*toy engine*), amêndoas de chocolate (*chocolate almonds*) e um rato de corda (*clockwork mouse*), só o último permaneceu, agora acompanhado de chocolates, doces, balas e um autorama. Observe-se ainda que há brinquedos a pilha na tradução, o sábio Cavalo de Couro (*Skin Horse*) é Cavalo de Pau e um cão de porcelana (*china dog*) vira cãozinho de pelúcia.

Esses procedimentos de que o tradutor lançou mão enquadram-se na chamada tradução domesticadora, modalidade oposta à conhecida como estrangeirizadora, denominações que hoje se dão aos dois métodos de tradução delimitados no início do século XIX pelo teórico alemão Friedrich Schleiermacher. Para Schleiermacher, deve-se ou deixar o leitor confortável e trazer o escritor até ele, facilitando o seu trabalho e tornando familiar o que causaria estranhamento, ou deixar o escritor em seu lugar e levar o leitor para fora de sua zona conforto, mantendo o que é estranho ou peculiar para que haja uma maior aproximação do público-alvo com a língua e a cultura de que se traduz. Entretanto, justamente quanto à natureza de brinquedo do Coelho, o seu tradutor decidiu-se pela estrangeirização, mesmo que comedida. Em inglês, tem-se um *Velveteen Rabbit*, literalmente “Coelho de Belbutina”. A belbutina é uma espécie de tecido fino e aveludado feito de algodão, e por si só é o mínimo necessário para fazer qualquer criança ou adulto desistir de ler ou ouvir em português uma história que contenha esse vocábulo já no título. Nas traduções anteriores à de Gonçalves, a escolha foi por apresentar um “Coelho de Pelúcia”, o que não causa maiores sobressaltos no leitor. Mas a preferência pelo meio-termo “veludo” evoca certa estranheza, e não apenas isso, pois parece que há aí quê de ambiguidade e o Coelho encontra-se no limite entre a condição de brinquedo e animal, singularidade que não é sugerida pelo título americano e os das outras traduções, nos quais se sabe de modo inequívoco que o Coelho é um brinquedo.

263

Em literatura, ambiguidade pode significar virtude. Talvez os pequenos leitores do *Coelho de Veludo* estejam mais predispostos a fruir da feliz ambiguidade proporcionada pelo seu recriador do que os adultos. Aliás, se Gonçalves demonstra claramente que foram esses leitores os principais responsáveis pela bússola de seu projeto tradutório, espera-se que eles também o sejam por tornar clássica entre nós a história de Williams.

---

<sup>i</sup> Marcelo Bueno de PAULA – Doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Licenciado em Letras – Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2005). Professor substituto na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8421366547104362> Acesso: junho de 2016.

**RECEBIDO EM: 12 de janeiro de 2016**

**ACEITO EM: 10 de maio de 2016**